

A (IN)VISIBILIDADE DAS PENSADORAS NOS CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO: PROBLEMATIZAÇÕES

Letícia Barbosa da Silva ¹
Nathália Degang Saporetti ²
Vinícius Tadeu de Almeida ³

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo investigar a (in)visibilidade de pensadoras mulheres nos currículos do Ensino Médio a partir das perspectivas de docentes e de estudantes. Discute-se a ausência das contribuições de teorias e acontecimentos de representantes mulheres durante as aulas, bem como o impacto gerado por essa escassez. A referida pesquisa tem como norteadores teóricos Michelle Parrot (2003), Pierre Bourdieu (2013) e Saffioti (2002). A abordagem metodológica utilizada é qualitativa, em que foram analisadas, a partir de submissões a questionários, percepções de estudantes e de professores por meio da abordagem Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Os resultados revelam que a maioria dos entrevistados apontaram a predominância de alusão a pensadores homens; apesar disso, evidencia o intenso desejo de mudar esta realidade, especialmente por parte dos estudantes. Destarte, busca-se alertar a comunidade escolar sobre a importância de revisar seus currículos a fim de visar à formação integral de jovens emancipados.

Palavras-chave: Currículo, Dominação Masculina, Invisibilidade das Mulheres, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Na Escola são ensinados diversos assuntos, tais como os usos práticos dos componentes curriculares, suas teorias e até mesmo os estudiosos que contribuíram para o desenvolvimento de cada campo. Quando pensamos nesses estudiosos, geralmente, nomes como Aristóteles, Albert Einstein e Machado de Assis facilmente são lembrados. No entanto, muitas vezes, os estudantes não são expostos a mulheres importantíssimas, que, inclusive, influenciaram nessas teorias e nos acontecimentos estudados. A partir disso, surge o problema de investigação: Por que raramente ouvimos falar dessas mulheres em nossas Escolas e qual é o impacto dessa invisibilidade?

¹Pós-graduada em Aprendizagem Ativa pelo Centro Universitário UniDomBosco – UniDBOSCO, Graduada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Professora de Língua Portuguesa na Escola Luminova (Unidade Barra Funda) – SP, leticiab.silva@professor.escolaluminova.com.br;

²Estudante da 3ª Série do Ensino Médio da Escola Luminova (Unidade Barra Funda) – SP, nathaliad.saporetti@aluno.escolaluminova.com.br;

³Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Professor de Filosofia e Sociologia na Escola Luminova (Unidade Barra Funda) – SP, vinicius.almeida@professor.escolaluminova.com.br.

Michelle Perrot (2005) informa que as narrativas históricas mantiveram em silêncio as vozes femininas com vontade de saber e supõe que elas sejam levadas a sério; contudo, a História foi escrita por homens. Já, a partir do século XIX, as mulheres conquistaram um pouco mais do espaço público, porém ainda há muitas áreas mudas, especialmente no que se refere às suas contribuições aos acontecimentos históricos.

Desse modo, quando as mulheres deixam de ser inseridas no currículo escolar, encontramos mais um campo de luta para a proposta feminista, que, segundo a socióloga brasileira Heleieth Saffioti, pode ser resumida “em igualdade social para ambas as categorias de sexo.” (SAFFIOTI, 2004, p. 46)

Uma das inovações trazidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma referência nacional obrigatória para adequação dos currículos da Educação Básica, é o Projeto de Vida, que oportuniza aos jovens “experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro” (BRASIL, 2017, p. 543).

Um dos aspectos necessários para essa reflexão é a preocupação das inclusões enquanto representatividades e a valorização das identidades. O sujeito cidadão se constrói com aquilo que ele conhece e é sensibilizado para tanto. Tendo isso como premissa, a partir de Sacristán (2017), investigando o currículo prescrito (campo econômico, político, social, cultural e administrativo) até o currículo avaliado (condicionamentos escolares), percebemos, de forma geral, que em determinados tópicos ou áreas de conhecimento há uma predominância de teóricos masculinos.

Ao analisarmos a Resolução Nº 4, de 17 de dezembro de 2018, que institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM), notamos que não há menção direta à equidade das mulheres, mas apresenta princípios essenciais que afetam a vida humana, como vemos nos trechos a seguir:

I - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. [...] VI - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. [...] VIII - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas

emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. (BRASIL, 2017, p. 16-17, grifo nosso).

A Educação em Direitos Humanos, então, é considerada um dos fundamentos da Educação Básica, sendo amparada por outros documentos oficiais, como o Decreto nº 7.037/2009, o Parecer CNE/CP nº 8/2012 e a Resolução CNE/CP nº 1/201221. Desse modo, consideramos que, como propõe Sacristán, é necessária uma reflexão, a fim de rever o norteador dos currículos escolares: “A partir desta proposição, se deduzem dois efeitos importantes: a) Mudar a prática educativa supõe alterar a política sobre o currículo que nos afeta” (SACRISTÁN, 2017, p. 109).

Este trabalho tem sua origem em uma pesquisa requisitada no componente curricular “Filosofia” da 3ª Série do Ensino Médio. Nessa atividade, foi solicitado que os estudantes escolhessem um dos eixos temáticos a seguir: 1. A concepção aristotélica das mulheres; 2. As filósofas clássicas. No último, destaca-se as seguintes problematizações: quem são essas filósofas e o que estudaram? Como elas influenciaram ou colaboraram com os pensadores clássicos?

Dessa primeira investigação surgiu um dos temas da Semana de Debates da Escola X, atividade voltada para as turmas do Ensino Médio, em que se debateu o assunto “Feminismo – Mulheres Filósofas”. O tema foi escolhido e ampliado pela estudante coautora deste artigo na construção do trabalho de Iniciação Científica, que tem como objetivo a análise das percepções de professores e de estudantes sobre a invisibilidade destas pensadoras nos currículos do Ensino Médio.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é investigar, entre professores e estudantes, a ausência da representatividade feminina em contribuições de teorias e acontecimentos históricos e científicos na Educação Básica, especificamente no Ensino Médio, e mostrar a relevância de (re)elaborarmos currículos para que as práticas educacionais contribuam verdadeiramente para uma formação integral e emancipadora de jovens contemporâneos.

A pesquisa se justifica pela urgente necessidade de diálogo entre aqueles que estão no palco do processo de ensino-aprendizagem, os professores e os estudantes, especialmente no que tange a assuntos que permeiam a formação da identidade dos sujeitos envolvidos nesse processo. Dessa maneira, é possível revisitar os currículos de forma mais eficiente, incluindo lados da História que foram considerados com menos relevância.

Após a análise dos dados, confrontando as percepções de professores e estudantes a respeito do currículo, ambos enxergam a necessidade de ir para além do currículo prescrito, porém em perspectivas distintas. O professor propõe estudos complementares que se integrem à prática docente, enquanto o estudante deseja novas ações pedagógicas, como mudanças nos livros didáticos, pois trazem “a ideia de que um documento preestabelecido seja substituído por uma concepção que engloba atividades capazes de permitir ao aluno compreender seu próprio mundo-da-vida.” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 34).

Por fim, advertimos que nos meandros introdutórios desta pesquisa não pretendemos que os objetos ou conteúdos curriculares de cada área de conhecimento ceda espaço integralmente aos estudos de gênero. Defendemos, por outro lado, a discussão sobre uma nova concepção, ou um novo prisma, de ensino-aprendizagem nas percepções de professores e estudantes do empoderamento de uma categoria social.

METODOLOGIA

Para essa pesquisa optamos pelo enfoque metodológico de caráter qualitativo, pois consideramos que ela permite fazer um estudo abrangente das condições e dos significados contextuais dos sujeitos. Assim, visa a estabelecer um “eu reflexivo” perante “eu social”, ou seja, da realidade subjetiva (crenças, ideias, princípios, referências) para realidade objetiva (coletividade):

As metodologias qualitativas de pesquisa são especialmente apropriadas para conhecer os significados que as pessoas dão para suas experiências [...]. Para deixar claro e gerar um sentido de entendimento nas participantes sobre suas próprias experiências [...] (SAMPIERI; CALLADO; LUCIO, 2013, p. 532).

Enquanto instrumento de coleta de dados, recorreremos à elaboração de questionários mistos: questões fechadas, com opções predefinidas, e questões abertas, a fim de analisarmos os discursos pessoais. Tais questionários foram publicados em redes sociais e destinados aos sujeitos escolhidos sob o critério de possuírem o perfil: professores e estudantes do Ensino Médio.

Das respostas recebidas no período de junho a julho, obtivemos 9 (nove) de estudantes (as) e 8 (oito) de professores de três escolas privadas e uma escola pública. As áreas de conhecimento representadas pelos professores foram: Linguagens e suas Tecnologias (3 Artes, 1 Educação Física e 1 Língua Portuguesa), Matemática e suas Tecnologias

(Matemática), Ciências da Natureza e suas Tecnologias (1 Química) e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (1 História).

Para a análise e interpretação dos dados, estamos embasados no *Discurso do Sujeito Coletivo* (doravante DSC), que se constitui em dados qualitativos de natureza verbal de cada depoente e pressupostos sociológicos, buscando reconstituir as opiniões coletivas no campo pesquisado:

De fato, nas pesquisas com o DSC, o pensamento é coletado por entrevistas individuais com questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar. (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005, p. 21)

A análise do discurso possui três momentos específicos: 1. A produção individual; 2. (Re)produção coletiva; 3. Resignificação. Na primeira, o que se busca é observar as representações daquilo que os sujeitos pensam do tema, bem como as apropriações verticais de informações obtidas cultural ou socialmente. Na segunda, são revelados os discursos: o que e como pensam associado ao espaço social. Na última, a resignificação interpretativa é constituída das razões, dos contextos e consequências e implicações no âmbito social ou político (LEFÈVRE; LEFÈVRE; MARQUES, 2009).

Com este viés, estabelece-se os seguintes procedimentos de análise: 1. Expressão-chave (ECH): excertos selecionados das repostas que melhor representam o conteúdo estudado (categorias); 2. Ideias centrais (IC): são sínteses que delineiam os significados presentes em cada reposta, bem como um conjunto das distintas dos sujeitos que descrevem sentidos semelhantes ou complementar; 3. Ancoragem (AC): são fórmulas sintéticas que delineiam as ideologias, os valores presentes no material verbal das respostas individuais que são agrupadas sob forma de afirmações genéricas que destinam a enquadradas em contextos particulares. 4. DSCs: são reuniões da ECH presentes nas repostas, que têm ICs ou ACs de significados semelhantes ou extensivo, o que pode marcar a presença do pensamento coletivo na pessoa de um só Discurso do Sujeito Social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Muitas vezes, o silêncio feminino é passado despercebido nos costumes, nos valores, nas preferências ou mesmo nos padrões estabelecidos, pois a sociedade acaba se acostumando com a perspectiva machista. Afinal, é uma ideologia praticada e reconhecida há séculos.

Contudo, é justamente esse reconhecimento por parte do dominado que, segundo Bourdieu (2012), faz com que a estrutura de dominação do masculino sobre o feminino seja reproduzida por todos na sociedade.

Sendo assim, a dominação, de acordo com o autor, é legitimada por justificar-se mediante uma condição biológica, que é entendida como natural. No entanto, é, na verdade, uma construção social naturalizada e replicada. A falta de voz dessas mulheres nas Escolas seria, então, apenas um reflexo da sociedade em que vivemos ou seria parte ativa de uma sociedade que perpetua o poder na mão de determinados grupos, a partir da liberação de seus discursos, e que silencia outros?

Parrot (2005) considera que a construção do saber feminino foi influenciada por pensamentos ou atividades de submissão para não pensar em sua própria opressão ou escrever sua história, tornando-se produto de uma relação de poder estruturada na cultura. Apesar disso, esses saberes construídos por mulheres devem ter espaço como objetos curriculares de complexa organização pluridisciplinar, multiforme, científica e antropológica. Por isso, a trajetória dos processos educativos deve ser entendida e fundida nos currículos como uma produção de cultura humana, a fim de desconstruir “as divisões tradicionais do saber, tão forte entre nós, em uma organização acadêmica que elas tetanizam como um ferrolho maior no desenvolvimento de pesquisas” (PARROT, 2005, p. 469).

Pelo exposto, reafirmou-se que o currículo é mais que conteúdo ou declaração de temas das áreas de conhecimento, mas uma experiência planejada de política social, onde aprendizagens e intercâmbios entre professores e estudantes vislumbram significantes vivências na cultura e na Escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já mencionamos, problematizamos as questões discursivas e utilizamos as fechadas para efeito de elucidações. Além disso, evidenciamos que na presente análise foram consideradas apenas as perguntas discursivas que se relacionaram diretamente com o tema da pesquisa. Desse modo, iniciaremos a análise pelas respostas dos professores:

Quadro 1 – Questão: Como aprender essas mulheres influencia em sua prática pedagógica?

Categoria A	Categoria B	Categoria C	Categoria D	Categoria E
Herança Cultural - Acadêmica	Atitudes influenciadoras – Memórias de Vida	Determinação	Aulas	Avaliações
No meio acadêmico há uma herança cultural ao negligenciar as mulheres. É importante a desmistificação da imagem cientista padrão Einstein. Apresenta feitos das mulheres durante as aulas.	Tive professoras excelentes na graduação, no estágio fui moldado para minha prática educacional, bem como, no	Determinada.	Utilizo como referências em aulas para dá as meninas para que elas possam ser.	Nas práticas de avaliação da Educação Básica
	Ensino Fundamental I.			
No mundo das artes dominado por homens. Ler, observar e pesquisar sobre as mulheres tira dos lugares cômodos. E trazer para aulas como visões antropológicas, amplas e complexas.	Ter um olhar relevante pelo gênero feminino, uma vez que foi educado por elas.		Mulheres que me orientaram em pesquisas e levo conselhos delas em aula.	

Fonte: Autores, 2021.

A análise do discurso dos professores constata que o pensamento e a teoria dessas mulheres como referências na Educação Básica ou no Ensino Superior influencia na prática pedagógica, pois propiciam um olhar mais cuidadoso e relevante para desmitificar a imagem padrão da ciência – no sentido de saber –, bem como das artes, dominadas por homens, o que seria uma herança cultural. Por isso, as pesquisas devem-se orientar em práticas de avaliações e aulas de discussões ampliadas, baseadas em visões antropológicas.

A questão posterior foi feita tanto para os estudantes, quanto para os professores, com o objetivo de comparar as perspectivas. Abaixo seguem, respectivamente, as análises dos professores e dos estudantes.

Quadro 2 – Questão: Como enfrentar no ensino, hoje em dia, o fato de que as mulheres ainda são ausentes das bibliografias e currículos e desconhecidas por grande parte dos estudantes?

Categoria A	Categoria B	Categoria C	Categoria D
Instrumento Pedagógico	Valorização - Engajamento	Estudo / Aulas	Formação – Qualidade
O livro didático não aborda a história da ciência e pouco fazem. Pesquisar sobre as mulheres na ciência e apropriar das publicações e trazer para sala de aula.	Professores lutarem pela equidade e tenha mais capacidade, colocar em evidências e como eu faço citando exemplo femininos da graduação.	Estimulação dos estudos.	Pesquisa, os professores precisam ser incentivados a estudar e financeiramente.
		Introduzir as referências por minha conta.	A figura docente não priorizada, mas a escola para funcionar, precisa de professores com formação continuada e integração. Preciso garantir tempo de qualidade aos docentes é o primeiro passo.
		Construir o conhecimento epistemológico sem distinção de gênero, referenciado autores por pares.	
		Buscando autoras e citar em aulas.	

Fonte: Autores, 2021.

Quadro 3 – Questão: Após a leitura, indique uma possível solução de como enfrentar o fato de que as mulheres ainda são ausentes nos livros didáticos e desconhecidas por grande parte dos estudantes.

Categoria A	Categoria B	Categoria C
Pesquisas	Práticas Pedagógicas	Extrapedagógicas
Pesquisar sobre a história e a trajetória das mulheres.	Livros didáticos serem alterados, darem aulas e palestras e discutirem sobre o assunto em relação aos outros.	Criar um abaixo assinado ou projetos interescolares.
Integrar bibliotecas com sessões “Mulheres que mudaram o mundo” e estudá-las.	Os professores falarem sobre e contando a importância.	Pressionar os órgãos da educação para alterar os livros didáticos.
	Mudar os conteúdos aprendidos na escola, professores falar e mostrar as ideias das mulheres.	
	Professores e escolas estimularem os alunos para além do conteúdo visto em aula.	

Fonte: Autores, 2021.

Em relação à análise do quadro dos estudantes, passando pela ancoragem e pela interpretação do discurso de modo aproximado, a resposta é uma possível solução para que os estudantes possam conhecer melhor as pensadoras. A sugestão seria que professores e

Escolas, por meio de abaixo-assinados, pressionassem os órgãos da Educação responsáveis a alterarem os livros didáticos, incluindo a representação dos grupos sociais já citados. A partir disso, também propuseram a criação de projetos interescolares, como, por exemplo, bibliotecas com sessões “Mulheres que mudaram o Mundo” e seus estudos.

Já em relação à análise do discurso dos professores, concluímos que houve uma visão diferente da do estudante, direcionando suas estratégias diretamente ao seu componente curricular e à formação acadêmica complementar. Assim, fomentar a formação continuada, em que se possa pesquisar as contribuições das mulheres de cada área, evidenciando publicações referenciadas por pares como referências, a fim de alcançar os estudantes por meio do currículo.

As questões a seguir foram feitas especificamente aos estudantes.

Quadro 4 – Questão: Se a sua resposta anterior for “Nunca” ou “Raramente”, por que você acha que as pensadoras não são estudadas com frequência no Ensino Médio?

Categoria A	Categoria B	Categoria C	Categoria D
Não reconhecimento	Privilegio masculino	Conservadorismo	Instrumento pedagógico
Falta de reconhecimento.	homem em lugar de privilégio e pouca visibilidade feminina.	Necessidade de mudança de pensamento por conta de uma sociedade conservadora que estudou pouco os pensamentos de mulheres.	Material didático não destaca identidades das pensadoras.
Trabalhos dos homens tem mais reconhecimento.		Foco nos pensadores homens por conta da ideologia masculina.	As Mulheres registradas e censuradas na história e o ensino não os ensina.
		Sociedade machista desvalorizam as mulheres na história.	

Fonte: Autores, 2021.

Como resposta interpretativa com aproximação do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), chegamos a seguinte consideração: A visão de privilégio das produções de teóricos homens, oriundas do machismo e do conservadorismo, implica na contínua desvalorização das produções de teóricas mulheres ao longo da História, com mecanismos de reforço, tal como os livros didáticos, que são vistos, por vezes, como canais de censura.

O sentido coletivo de expressão e de manifestação observados no DSC nos aponta para um tipo de ensino que entra em discordância em uma sociedade complexa, que busca a representatividade de cada sujeito. É um processo de tornar a visibilidade sobre os diversos pontos de vista e considerar que todos atuam e constroem na/pela História. Neste sentido, é natural que os processos educativos, que usam como instrumentos o material didático dos

mais variados níveis, seja um ponto a ser questionado, pois as imagens desses grupos apontam a ideologia dos dominantes a ser seguida, extirpando a ação de outras espécies de atuação e existir no mundo.

As próximas questões abordam a autoavaliação dos estudantes a respeito de sua capacidade argumentativa sobre a visibilidade das mulheres e o impacto gerado por esse conhecimento ou falta de conhecimento.

Quadro 5 – Questão: Você se considera apto para discutir sobre a visibilidade da mulher? Por quê?

Categoria A	Categoria B	Categoria C
Não conhecimento	Conhecimento	Conhecimento Parcial
Não possui aptidão sobre o assunto.	Apta e pesquisa sobre o assunto.	Não tem lugar de fala, mas se interessa pelo assunto.
Não	Luta e discute sobre os assuntos.	Expressa as ideias, mas não consegue argumentar
	Conhece e debate sobre o assunto.	Consegue discutir, contudo conhecimentos vagos

Fonte: Autores, 2021.

Quadro 6 – Questão: Em sua opinião, não estudar sobre essas mulheres tem algum impacto em sua vida? Qual?)

Categoria A	Categoria B	Categoria C	Categoria D
Capacidade	Ponto de vista dos homens	Razões	Ensino Escolar
Não duvidar delas.	Não as estudar implica a manutenção dos feitos dos homens.	Refletir sobre o porquê a sociedade ainda possui esses tipos de pensamentos machistas.	Falta de mostrar figuras femininas na escola desencoraja garotas.
Acharmos que somos capazes.	Ponto de vista somente dos homens.		
	Sem o conhecimento desse tema pela sociedade continuaremos tendo a visão dos homens.		
Influencia diretamente na visão que as mulheres não são aptas as mesmas ações do homem.			

Fonte: Autores, 2021.

Depois de feita a ancoragem da resposta interpretativa do DSC, observamos que a maior parte dos estudantes não se sente totalmente segura para discutir o assunto. Apesar disso, a maioria apontou já ter refletido sobre, pois, dos nove estudantes que participaram da pesquisa, seis responderam positivamente à questão referente.

Assim, a Escola deve promover a reflexão a fim de ratificar a realidade de que as mulheres são tão capazes quanto os homens, introduzindo mais estudos de teorias das pensadoras mulheres.

Por fim, o estudo dos dados constatou que tanto os professores quanto os estudantes reconhecem que a visibilidade das contribuições masculinas é muito maior do que a das mulheres nos currículos escolares. No entanto, os professores afirmam buscar esse conhecimento indo além da graduação, isto é, em palestras ou fazendo a leitura de artigos que evidenciem os saberes produzidos por mulheres, e complementam suas práticas pedagógicas incluindo suas pesquisas. Os estudantes, porém, declaram precisar de mais oportunidades de ter contato com esse assunto dentro das Escolas, tanto para as suas constituições como sujeitos que se reconhecem nesse grupo, quanto para a reivindicação de uma sociedade mais igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos o problema de pesquisa “Por que raramente ouvimos falar dessas mulheres em nossas Escolas e qual é o impacto dessa invisibilidade?”, consideramos que as discussões apontam que ambos, professores e estudantes, concordam que se deve abrir mais espaço para as contribuições das produções realizadas por mulheres nos currículos de Ensino Médio, com o objetivo de corroborar com o comprometimento histórico e científico, relevância ética da Educação e adequação às realidades sociais.

Por isso, propomos que a Escola precisa almejar um processo formativo em diversas frentes, tais como: transformações dos currículos, formação das áreas de conhecimento, cursos práticos sobre gênero, projetos interdisciplinares, livros didáticos e investir de maneira mais ativa na formação continuada dos professores.

Além disso, com a educação sendo uma das bases de nossa sociedade, temos que torná-la mais inclusiva, diversificada e igualitária. O futuro depende dessa e das próximas gerações que estão saindo das Escolas para as universidades e indo para o mercado de trabalho. Desse modo, o processo de ensino-aprendizagem afeta diretamente na formação dos cidadãos e criação de políticas educacionais que priorizem a justiça social.

Finalmente, professores, agentes de transformação social, e estudantes, protagonistas de uma nova forma de produzir conhecimento, devem dialogar e atuar juntos para atingirem os objetivos a que se propõem, que é a formação de jovens emancipados e conscientes de sua identidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Escola Luminova – Unidade Barra Funda – Grupo (SEB) nas pessoas da Diretora Pedagógica, Tatiane Mugia, e do Coordenador do Ensino Médio, Paulo Sérgio Cândido, por acreditarem, estimularem e fomentarem o ensino, a pesquisa e a extensão de estudantes e professores.

Agradecemos aos professores e estudantes que participaram desta pesquisa pela valerosa contribuição.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2021.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do Sujeito Coletivo: nossos modos de pensar, nosso eu coletivo**. São Paulo: Andreolli, 2005.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; MARQUES, Maria Cristina da Costa. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. **Ciências & Saúde Coletiva**, 14 (4), agosto de 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400025>>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução Ernani F. F. Rosa. 3a ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abamo, 2004.

SAMPIERI, Roberto Hernández; CALLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. 5ª edição. Porto Alegre: Penso, 2013.